

# ETNOTAXONOMIA

ENTOMOLÓGICA BANIWA

CIDADE DE SÃO GABRIEL

CACHOEIRA, ESTADO

AMAZONAS, BRASIL



# ETNOTAXONOMIA

ENTOMOLÓGICA BANIWA NA  
CIDADE DE SÃO GABRIEL DA  
CACHOEIRA, ESTADO DO  
AMAZONAS, BRASIL

SUNNY PETIZA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, BRASIL

NEUSA HAMADA

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA, BRASIL

ANA CARLA BRUNO

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA, BRASIL

ERALDO MEDEIROS COSTA-NETO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, BRASIL

## **ETNOTAXONOMIA ENTOMOLÓGICA BANIWA NA CIDADE DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, ESTADO DO AMAZONAS, BRASIL**

### **Resumo**

Os sistemas de conhecimentos sobre a biologia de insetos são percebidos e construídos de formas diferentes em cada cultura. Nosso objetivo foi investigar o conhecimento entomológico Baniwa (CEB) na cidade de São Gabriel da Cachoeira. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com famílias Baniwa. A palavra “inseto” para os Baniwa engloba outros animais não Insecta, como: répteis, anfíbios, moluscos e outros artrópodes. No trabalho são considerados apenas os nomes referentes à classe Insecta. As características mais utilizadas para identificar estes seres são tamanho e cor. A construção do CEB começa na fase da infância, quando as crianças acompanham seus pais nas atividades de roça. Os primeiros insetos a serem apreendidos são aqueles que provocam algum tipo de acidente ou que representam algum tipo de nocividade. É possível perceber que o CEB não está dissociado dos outros conhecimentos zoológicos, culturais e sociais em que se encontram os Baniwa.

Palavras-chave: etnociências, etnobiologia, entomologia, coripaco, Alto Rio Negro.

## **BANIWA ENTOMOLOGICAL ETHNOTAXONOMY IN THE CITY OF SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, AMAZONAS STATE, BRAZIL**

### **Abstract**

The biological knowledge of insects are perceived and constructed differently in each culture. Our purpose was to investigate Baniwa entomological knowledge (BEK) in the city of São Gabriel da Cachoeira. Data were collected through interviews with Baniwa families. The word “bug” to Baniwa encompasses animals other than Insecta, such as reptiles, amphibians, molluscs and other arthropods. This work will consider only the names referring to the class Insecta. The main characteristics used to identify Insecta are color and size. The construction of BEK begins in childhood, when children accompany their parents in field activities. The first insects to be learned are those that cause some type of accident or represent some kind of harmful. It's possible to realize that the BEK is not dissociated from other zoos, cultural and social Baniwa knowledge.

Keywords: ethnoscience, ethnobiology, entomology, coripaco, Upper Rio Negro.

## **ETNOTAXONOMÍA ENTOMOLÓGICA BANIWA EN LA CIUDAD DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, ESTADO DE AMAZONAS, BRASIL**

### **Resumen**

Los sistemas de conocimientos acerca de la biología de los insectos se perciben y se construyen de maneras diferentes en cada cultura. El objetivo ha sido investigar lo conocimiento entomológico Baniwa (CEB) en la ciudad de São Gabriel da Cachoeira. Los datos fueron colectados por medio de entrevistas con familias Baniwa. La palabra “insecto” para los Baniwa incluye otros animales no Insecta, como: reptiles, anfibios, moluscos y otros artrópodos. Los caracteres más utilizados son tamaño y color. La construcción del CEB empieza desde la niñez, cuando los infantes acompañan sus padres en las actividades agrícolas. Los primeros insectos que se aprenden son aquellos que causan algún tipo de accidente o que representan algún tipo de peligro. Es posible reconocer que el CEB no está disociado de los conocimientos zoológicos, culturales y sociales de los Baniwa.

Palabras-clave: etnociencias, etnobiología, entomología, coripaco, Alto Río Negro.

Endereço da primeira autora para correspondência: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM, *Campus* Manaus Centro – CMC, Gerência Educacional de Química e Meio Ambiente – GEAQMA, Av. 7 de Setembro, 1975 – Centro, CEP: 69020-120, Manaus, AM, Brasil. E-mail: sunnybio@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, os insetos vêm participando de maneira significativa da vida sociocultural de diferentes grupos étnicos, sendo utilizados de muitas maneiras diferentes, como fontes de alimento (entomofagia), de remédios (entomoterapia) e estão presentes nos mitos, lendas, práticas mágicas e religiosas (entomolatria), bem como em atividades lúdicas, como cantigas de roda, cantigas para colher produtos da roça e brincadeiras (Southwood 1977: 30-39; Posey 1987: 99-134; Costa Neto 2002). Há várias explicações para a importância dos insetos na cultura humana, mas seu significado frequentemente repousa no valor simbólico (Hogue 1980: 33-36, 1987: 181-199; Capinera 1993: 221-229; Costa Neto 1998: 9-17; Melic 2003: 325-357).

A Etnoentomologia é um ramo das etno-ciências que busca compreender a maneira que diversas culturas têm de perceber, identificar, classificar, nomear e utilizar o que entendem por “inseto” em suas línguas (Posey 1984: 123-139). E essas diferentes formas de assimilar cognitivamente (aprender) o mundo dos insetos é o que vem a ser o *Conhecimento entomológico tradicional* – CET, conceito atribuído por Ellen (1998: 87-99). Os estudos etnoentomológicos remontam ao século XIX. Contudo, o termo só apareceu na literatura científica em 1952 com a publicação de um estudo sobre a etnoentomologia dos índios Navajo, realizado por Wyman e Bailey (Costa Neto 2002). A primeira vez que o termo apareceu em título de livro foi na obra *Navajo Indian Ethnoentomology*, publicado em 1964 também por esses dois autores.

Considerando que o conhecimento entomológico tradicional (CET) é o resultado de gerações de experiências acumuladas, experimentação e troca de informação (Ellen 1998: 87-99), pode-se esperar que esse conhecimento complemente o científico em áreas tão diversas como pesquisa e avaliação de impacto ambiental, manejo de recursos e desenvolvimento sustentável (Queiroz 1996: 1-4). De um modo geral, os pesquisadores que estudam o CET em povos e sociedades tradicionais quase sempre se impressionam pela coerência do conhecimento que essas sociedades possuem sobre as espécies de insetos com as quais convivem e interagem (Costa Neto 2002). Desse modo, o conhecimento sistematizado dos saberes locais à luz da etnoentomologia pode oferecer subsídios para a conservação de ambientes e espécies, considerando o ritmo acelerado de degradação da natureza causado, principalmente, pelas ações antrópicas. Isto significa somar as forças interdisciplinares e multidisciplinares da ciência para documentar, estudar e dar valor aos sistemas de conhecimento dos povos tradicionais, buscando-se sempre o diálogo de saberes (Posey 1996: 6-17).

Na América tropical, o inseto é uma das presenças mais constantes na vida e na cultura material dos povos nativos (Posey 1987: 99-134). Os sistemas de classificação, conceituação e conhecimentos sobre a biologia de insetos são percebidos e construídos de formas diferentes de acordo com a sociedade estudada. Portanto, considerando que cada sociedade humana possui uma forma própria de perceber, conhecer, caracterizar, nomear e classificar a diversidade biológica pode-

se imaginar que o saber etnoentomológico da região amazônica seja tão rico e diverso quanto é a sua diversidade entomológica, cultural e linguística.

No noroeste da Amazônia brasileira, encontra-se a grande região cultural do Alto Rio Negro, onde diversos povos indígenas desenvolveram, ao longo de milênios, formas sofisticadas de adaptação a uma região com baixa capacidade de suporte, isto é, com solos ácidos, pobres e com manchas descontínuas de terra firme separadas por campinaranas<sup>1</sup> e igapós (Ricardo 2001).

Os Baniwa são um destes povos que formam um complexo cultural de mais de 20 povos indígenas diferentes que habitam há séculos o extremo noroeste da atual fronteira geopolítica da Amazônia brasileira, mais precisamente toda a bacia do Içana (op.cit.).

Desde os tempos coloniais, o nome Baniwa é usado para todos os povos que falam línguas da família Aruak ao longo de comunidades do Rio Içana e seus afluentes. Deve-se enfatizar, porém, que não se trata de uma autodesignação. É um nome genérico usado por esses índios quando se fazem representar em contextos multiétnicos ou diante do mundo não indígena. Essas comunidades indígenas mais frequentemente usam como autodesignações os nomes das suas fratrias como Hohodene, Walipere-dakenai ou Dzauinai. Os Coripaco, que vivem na Colômbia e no Alto Içana (Brasil), são aparentados dos Baniwa e falam um dialeto da língua Baniwa, mas não se identificam como subgrupo Baniwa (<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/coripaco/1565>, 10 de julho de 2013). Para esta pesquisa adota-

mos o nome CEB para referir-se ao conhecimento entomológico tanto dos Baniwa quanto dos Coripaco, devido à sua proximidade linguística e cultural.

O motivo que levou à escolha de se estudar o conhecimento etnoentomológico Baniwa no contexto urbano foi a riqueza literária sobre aspectos antropológicos e linguísticos, uma vez que não havia qualquer estudo etnoentomológico específico entre os Baniwa. Para este estudo foi adotado o termo *Conhecimento Entomológico Baniwa* – CEB para se referir aos conhecimentos tradicionais dos povos Baniwa relacionados aos Insecta.

O CEB encontrava-se registrado em dicionários, listas lexicais e em algumas narrativas míticas (Camico 1994; Cornelio 1999; Ramirez 2001). Por meio deste estudo, encontrou-se alguma forma de sistematização deste conhecimento para que pudesse ser estudado em escolas Baniwa por alunos do ensino médio e fundamental, além do fim científico da investigação que buscou cruzar o conhecimento indígena sobre os insetos com o conhecimento entomológico acadêmico.

## OS BANIWA NO CONTEXTO URBANO E A VALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Na cidade de São Gabriel da Cachoeira, os Baniwa vivem basicamente da venda de produtos artesanais, da produção de farinha e derivados da mandioca (para os comerciantes locais), pimentas *jiquitaia* (de várias cores e níveis de ardência) e da agricultura de corte-queima, onde conseguem legumes e frutas da época (para venda na feira municipal).

Os Baniwa que moram na parte central da cidade vivem nos bairros Dabarú, Areal, Boa Esperança, Graciliano Gonçalves, Padre Cícero e Miguel Quirino. Fora de suas terras de origem, também vivenciam o atual contexto etnopolítico que se encontra a cidade de São Gabriel, onde eles tentam retomar de forma organizada o processo de ensino-aprendizagem dos antigos conhecimentos sobre a natureza, além de desenvolver meios de preservação das fontes pesqueiras ameaçadas e renovar o interesse pelas relações cosmológicas que regem sua existência (Garnelo 2007: 191-212). Segundo esta autora, o que garante a sobrevivência dos Baniwa em condições ambientais adversas são os conhecimentos ancestrais orientados pela rica tradição mítica que influencia a expressão das dimensões políticas, éticas e as práticas da vida social.

É importante ressaltar que a partir da década de 1980, com o fechamento dos internatos (sistema educacional religioso missionário paternalista e repressor que oferecia educação primária e profissionalizante aos indígenas do Alto Rio Negro) nos povoados do interior do município, a cidade de São Gabriel tornou-se destino quase que obrigatório para as famílias indígenas com crianças que precisavam de escolas de ensino médio, uma vez que apenas o ensino fundamental é assegurado nestes povoados.

Portanto, o fator escolar acaba se sobrepondo a outros e levando ao deslocamento de famílias da floresta para a cidade (Eloy 2005; Emperaire & Eloy 2008: 195-211). Ainda segundo estas autoras, as famílias se instalam em novos loteamentos em casas minúsculas na ci-

dade ou constroem uma complementariedade entre o sítio ou a comunidade de procedência e uma residência na cidade, de acordo com o calendário escolar.

Os Baniwa sempre deram muito valor à educação, haja vista a eficácia do método de ensino-aprendizagem da língua Baniwa via ensinamentos bíblicos da missionária norte-americana Sophia Müller. Atualmente, encontra-se em pleno funcionamento uma rede de escolas Baniwa-Coripaco (Escola Indígena Baniwa e Coripaco – EIBC *Pamáali*) na região do Içana, onde o processo de ensino-aprendizagem se dá de forma intercultural (Baniwa e português) e via pesquisa, conhecimentos tradicionais associados às novas tecnologias e aos saberes não indígenas, como técnicas de piscicultura, meliponicultura e manejo agroflorestal.

Porém, apesar de possuírem uma proposta pedagógica bastante inovadora, atualmente suas escolas sofrem com a falta de material didático específico para os alunos. É a partir daí que surge a necessidade e a importância deste estudo em uma das áreas da Etnobiologia (Etnoentomologia), para que além do ato de fazer ciência, também se possa criar meios para o desenvolvimento da qualidade do ensino nas escolas indígenas.

Portanto, nosso objetivo geral neste trabalho foi investigar o conhecimento entomológico Baniwa (CEB) no contexto urbano da cidade de São Gabriel da Cachoeira. Os objetivos específicos foram: identificar o significado da palavra “inseto” na concepção Baniwa; investigar a existência de uma etnotaxonomia Baniwa sobre os artrópodes da classe Insecta; identificar as formas de ensino-aprendizagem do CEB.

## MATERIAL E MÉTODOS

### DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O local da pesquisa foi a área urbano-rural da cidade de São Gabriel da Cachoeira, extremo noroeste do Estado do Amazonas. Este município é habitado por mais de 20 povos indígenas que somam mais de 90% dos 37,5 mil habitantes (IBDS, DSEI/FOIRN 2005 in Lei Municipal no. 209, 2006).

Os dados foram coletados em três comunidades rurais na estrada de Camanaus: Vila Amazonino (Km 9, 0°8'55,5"S/ 67°0'52,6"O), Itacoatiara-Mirim (Km 10, 0°9'13,7"S/ 67°0'16,1"O) e Areal (Km 19, 0°9'2"S/ 66°57'7"O). Ao todo tivemos 46 participantes nesta pesquisa (Tabela 1). Estas comunidades possuem em média 15-20 anos de fundação, começaram por famílias recém-chegadas de sítios (são unidades de residências isoladas, compostas por uma ou duas casas ocupadas pelos membros de uma mesma família, segundo Emperaire & Eloy 2008: 195-211) e comunidades localizadas ao longo da bacia do rio Içana que foram se instalando e formando novas famílias.

### COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi feita mediante observação participante e de formulários de entrevistas livre, estruturada e semiestruturada (consultar formulários e autorizações da pesquisa em Bentes 2011). As entrevistas estruturadas foram acompanhadas de imagens de insetos da Amazônia Central para que se pudessem associar os nomes Baniwa aos nomes científicos (nos níveis de ordem e família, principalmente). Todas as entrevistas foram gravadas em áudio digital por meio de um gravador de voz.

A pesquisa foi composta por quatro fases. Na primeira fase foram elaborados cartões visuais contendo imagens de insetos representantes das 30 principais ordens de Insecta que ocorrem na Amazônia: Archaeognatha, Collembola, Zygentoma, Ephemeroptera, Odonata, Orthoptera, Phasmida, Dermaptera, Isoptera, Blattodea, Mantodea, Zoraptera, Plecoptera, Embioptera, Thysanoptera, Heteroptera, Auchenorrhyncha, Sternorrhyncha, Psocoptera, Phthiraptera, Coleoptera, Strepsiptera, Neuroptera, Megaloptera, Hymenoptera, Trichoptera, Lepidoptera, Mecoptera, Siphonaptera e Diptera.

Tabela 1

Quantidade de participantes da pesquisa “Etnoentomologia Baniwa” (2009-2010) na cidade de São Gabriel da Cachoeira – AM, Brasil

Comunidades	Mulheres	Homens	No total de participantes
Areal	3	6	9
Itacoatiara-mirim	6	3	9
Vila Amazonino	5	5	10
Fontes-chave*	8	10	18
Total	22	24	46

\*Participantes moradores de vários bairros da cidade

Os dados foram obtidos com ênfase em três aspectos referentes ao CEB: processo de ensino-aprendizagem, aspectos gerais (identificação, classificação e nomenclatura de insetos) e específicos (utilidade).

As imagens foram obtidas em ambiente natural ou no laboratório por meio de uma máquina fotográfica digital (*Nikon D80*), microscópio estereoscópio com máquina fotográfica digital acoplada e as imagens trabalhadas em *Photoshop CS2*, *Combine Z* e *Leica*. Todos os exemplares fotografados foram coletados em áreas interfluviais da bacia do rio Negro e encontram-se depositados na Coleção de Invertebrados do INPA. A montagem dos cartões foi feita em programa gráfico *Corel Draw* (versão 13) e impressa em papel A4 com plastificação simples.

Cada cartão possui 10 cm de comprimento e 6,5 cm de largura. A frente do cartão contém a imagem do inseto, seguida por uma numeração e a escala correspondente ao tamanho do espécime fotografado. O verso contém o nome científico referente à ordem do inseto e as seguintes perguntas: Qual o nome? Pertence a algum grupo? Onde vive? O que come? O que faz? Dentre outras.

Na segunda fase foi feito um reconhecimento da área de estudo, visitando-se as comunidades e realizando conversas informais. Em seguida, o projeto foi apresentado às comunidades e enquetes socioculturais foram realizadas com os comunitários que demonstraram interesse em participar da pesquisa.

A terceira fase consistiu em coletar informações sobre o conhecimento entomológico Baniwa (CEB) geral e seu pro-

cesso de ensino-aprendizagem por meio de entrevista semiestruturada, utilizando os 30 cartões visuais de forma individual ou em grupo com os participantes em seus ambientes domiciliares ou no centro comunitário.

Importante salientar que durante todas as entrevistas, os questionamentos foram feitos da maneira menos formal possível, estabelecendo bate-papos entre pesquisador, participantes e tradutor, nas línguas Baniwa e português. Para a realização das gravações contamos com ajuda de vários tradutores Baniwa, pessoas das próprias comunidades, geralmente um membro mais jovem da família ou estudante interessado nas atividades da pesquisa.

## ANÁLISE DOS DADOS

Para as análises desta pesquisa foram utilizados alguns pressupostos teóricos da Antropologia, da Linguística e da Etnobiologia para compreender a Etnoentomologia Baniwa: aspectos cognitivos, classificatórios, etnotaxonômicos e perspectivistas, bem como as abordagens ética eêmica da pesquisa etnobiológica (Sturtevant 1964: 99-131; Harris 1976: 329-350; Lévi-Strauss 1989; Berlin 1992; Cunningham 1996: 19-51).

A contribuição da teoria do perspectivismo ameríndio de Eduardo Viveiros de Castro (1996:115-144, 2002:345-400), em que tanto humanos quanto animais são vistos como seres dotados de intencionalidade e volição, contribuiu significativamente para a compreensão das categorias analíticas com as quais examinamos os dados registrados sobre a etnotaxonomia de insetos reconhecidos pelos Baniwa.

Procuramos não utilizar categorias pré-concebidas por outros estudos em etnobiologia/etnoentomologia, pois estes poderiam limitar o processo de coleta e construção dos dados em campo. Portanto, as categorias aqui criadas para os formulários e análise de dados foram retiradas de estudos iniciais sobre a cultura, língua e a cosmogonia Baniwa, pela leitura prévia das narrativas mitológicas (Cornelio 1999) e estudos antropológicos (Wright 1996: 75-115; Garnelo & Buchillet 2006: 231-260; Garnelo 2007: 191-212). O tratamento dos dados foi realizado sob as formas quantitativa e qualitativa, com dados amostrados por meio de gráficos simples construídos em Excel 2010.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo, participaram do estudo 46 entrevistados das etnias Baniwa e Coripaco com idade entre 29 a 99 anos. Deste total, quase 50% é composto por mulheres, o que é relativamente difícil de conseguir em pesquisas deste tipo, pois além do comportamento mais afastado das mulheres, estas passam a maior parte do tempo trabalhando em suas roças e casas de farinha.

A maioria dos participantes (85%) possui entre 29 e 69 anos e a minoria (15%) pertence à faixa etária de 70 a 99 anos. Segundo Silva & Costa (2007), a cada ano que passa diminui a população de indígenas Baniwa com mais de 70 anos, detentores do saber tradicional.

Quanto à escolaridade dos participantes, segundo o sistema de ensino formal do Estado, 28 foram pelo me-

nos alfabetizados e 18 não sabiam ler nem escrever ou estavam começando a aprender em programas de incentivo à educação do governo estadual.

Apesar de a religião tradicional Baniwa haver sido o xamanismo em épocas mais remotas, atualmente ninguém se declara xamã, pajé ou benzedor (poucos o fazem e quando o declaram, geralmente pertencem a comunidades católicas). Atualmente, a tradição moderna Baniwa agrega alguns aspectos culturais e cosmológicos às religiões cristã, católica e evangélica, em sua maioria. Um retrato disso é o conhecimento entomológico Baniwa (CEB), aqui abordado por participantes católicos (20%) e evangélicos (63%).

## A PALAVRA “INSETO” NA CONCEPÇÃO BANIWA

No léxico Português-Baniwa, encontrado ao final do dicionário de Ramirez (2001), a palavra inseto é traduzida por *tsiirito*. Porém, no léxico Baniwa-Português (op. cit.), esta palavra significa “um tipo de inseto encontrado nos ingazeiros”. Neste dicionário, a maioria das palavras referentes a inseto ou a outros animais pode ser acompanhada de prefixos pessoais, como (-no) para indicar o possessivo na primeira pessoa do singular, e de sufixos dependentizadores, como (-ni, -le ou -te). Assim, podem ser encontradas as seguintes palavras: *notsiirítole* ou *notsiirítomi*, indicando “o meu inseto”.

De acordo com Costa Neto (1999: 7-14), a palavra “inseto” possui caráter polissêmico, ou seja, vários significados. Segundo este autor, diferentes animais são classificados como insetos, pois a

categoria “inseto” também é determinada culturalmente por meio das dimensões afetiva e ideológica. Desse modo, termo “inseto” é uma categoria semântica ampla que reúne animais de diferentes grupos taxonômicos e não sistematicamente relacionados (por exemplo, certos tipos de mamíferos, répteis, anfíbios, aracnídeos).

Com base em estudos etnotaxonômicos realizados em diferentes comunidades da Bahia (Costa-Neto 2000: 70-75; Silva & Costa Neto 2004: 261-268; Costa-Neto & Pacheco 2004: 81-90; Costa Neto et al. 2005; Costa Neto & Rodrigues 2006: 71-80; Costa-Neto & Magalhães 2007: 239-249; Santos-Fita et al. 2011) e em dados da literatura, espera-se que o domínio etnozoológico “inseto” ocorra como um padrão nos sistemas de classificação etnobiológicos (atentando-se, no entanto, para os termos êmicos equivalentes e para as categorias não nomeadas). Este padrão foi explicado pela hipótese da ambivalência entomoprojetiva, segundo a qual, os seres humanos tendem a projetar sentimentos de nocividade, periculosidade, irritabilidade, repugnância e menosprezo a animais de diferentes grupos taxonômicos (inclusive pessoas), associando-os à categoria “inseto” determinada culturalmente (Costa Neto 1999: 7-14).

Ao investigar o sistema de classificação etnozoológico dos moradores do povoado de Pedra Branca, Estado da Bahia, Santos-Fita et al. (2011) revelam a existência de dois domínios semânticos etnozoológicos principais: “animal” e “inseto”. Os indivíduos entrevistados distinguem estes dois domínios não por meio de uma definição única e abrangente, mas oferecendo exemplos de

organismos que eles agrupam em cada etnotáxon. O domínio “inseto” reúne diferentes animais não sistematicamente relacionados, tais como: aranha, escorpião, sapo, lagartixa, sardão, cobra e morcego, além dos representantes da Classe Insecta (borboleta, gafanhoto, besouro, abelha, grilo, por exemplo).

Na cultura Baniwa, apesar de não haver uma palavra para agrupar todos os tipos de insetos, a palavra “inseto” engloba outros animais não Insecta, como répteis, anfíbios, moluscos e outros artrópodes, ou seja, também possui caráter polissêmico. Contudo, analisaremos aqui apenas os Insecta reconhecidos como “insetos” pelos Baniwa, sem levar em consideração os não Insecta, para fins de análise e comparação científica.

### O CONHECIMENTO ENTOMOLÓGICO BANIWA (CEB)

Aspectos morfológicos, como tamanho e cor, são as características mais utilizadas pelos Baniwa para identificar os insetos (Figura 1). Outras características, como cheiro, aparência, forma, habitat, hábito e mitos, também são utilizadas para reconhecer um inseto na ciência Baniwa. De forma semelhante, no povoado de Pedra Branca (Bahia), os insetos são identificados de acordo com a morfologia (tamanho, cor e consistência do tegumento), seu comportamento, o efeito da picada, o habitat e a estrutura do ninho (Costa Neto 2003).

A seguir, são apresentados os resultados (Figuras 2-4) da enquete sobre utilização e processo de ensino-aprendizagem

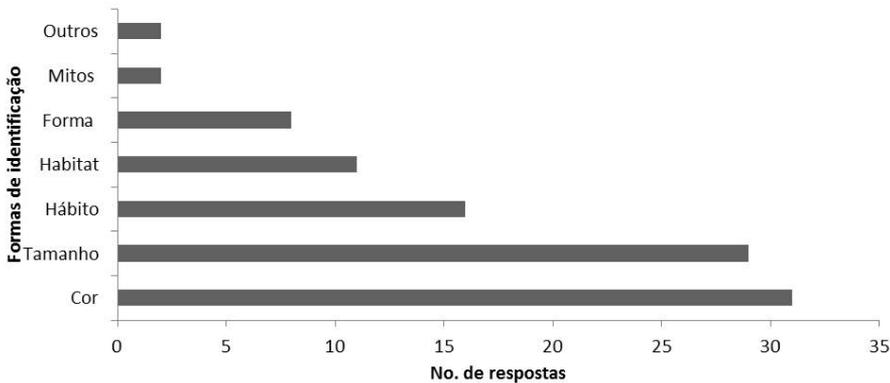


Figura 1 – Formas de identificação de insetos pelos *Medzëniakonai* (povos das etnias Baniwa e Coripaco) no estudo “Etnoentomologia Baniwa” (2009 - 2010) na cidade de São Gabriel da Cachoeira-AM, Brasil. Outros se referem à: aparência e cheiro.

de insetos reconhecidos por Baniwa católicos e evangélicos.

Os Baniwa católicos parecem conhecer mais sobre insetos mencionados em benzimentos (Figura 2), enquanto que os evangélicos conhecem mais sobre insetos utilizados como remédios. Os Baniwa católicos mantiveram a tradição dos benzimentos, enquanto que os evangélicos não puderam continuar com os benzimentos tradicionais devido a impedimentos e punições aplicados pela igreja evangélica. Em contrapartida, os Coripaco mantiveram seus fortes conhecimentos sobre plantas e animais utilizados na medicina Baniwa.

A construção do conhecimento entomológico Baniwa (CEB) começa na fase da infância, quando as crianças acompanham seus pais nas atividades de roça, pescaria e coleta de frutos e fontes proteicas alternativas, como a caça de maniuara e saúva, geralmente feita pelas mulheres. Os primeiros insetos a serem aprendidos são aqueles que provocam algum tipo de acidente (ferrar, queimar,

morder) ou que representam algum tipo de nocividade (46% do motivo ensino-aprendizagem, Figura 4), tanto no campo real como no imaginário, através de crenças ou geradas a partir de histórias da mitologia Baniwa. Estes primeiros grupos de insetos a serem aprendidos são compostos pelas seguintes ordens: Hymenoptera, Diptera, Lepidoptera, Isoptera, Coleoptera, Phthiraptera, Phasmida, Orthoptera, Heteroptera e Megaloptera.

Portanto, o grupo de insetos mais ensinado na infância Baniwa chama-se: Yoku-kapé (aqueles que ferram) e Inhuãkapé (aqueles que mordem). Contudo, não são apenas os insetos que estão inclusos nestas duas categorias. Répteis, mamíferos e outros invertebrados também podem fazer parte destes grupos juntamente com uma porção de insetos que pertencem principalmente à ordem Hymenoptera. Em seguida, aprendem sobre os insetos que servem para comer (Paihanipé), para pescar (Paitselitaxw-pakophé) e aqueles que são pragas da roça (Kinikipíra).

### CLASSIFICAÇÃO E ETNOTAXONOMIA BANIWA DOS INSETOS

Não há uma palavra para agrupar todos os tipos de insetos (Insecta), todos os tipos de abelhas, vespas e formigas (Hymenoptera) ou todos os tipos de besouros (Coleoptera) na língua Baniwa. No entanto, cada gênero possui uma denominação e, geralmente, está agrupado dentro de alguma das seguintes etnocategorias: *Hitsiakapé* (rastejam), *Iarakapé* (voam), *Yokukapé* (ferram), *Inhuâkapé* (mordem), *Irakapé* (picam e chupam sangue), *Yoópinai* (causam doenças), *Maokukapé* (não ferram), *Paihanipé* (comestíveis), *Makadawanai* (não servem para comer), *Paitsetitaxmpakophé* (iscas de pesca), *Kinikipíru* (pragas de roça), *Panttipíra* (pragas de casa).

Existem insetos considerados *Awakaróna* (espírito da floresta/curupira) da classe dos *Awakarónanai* (curupiras em geral).

Segundo Garnelo & Buchillet (2006), como nem todos os *Awakaróna* foram transformados em *Yoópinai*, muitos deles permaneceram nas matas, numa interação distante – e frequentemente agressiva – com os seres humanos que adentram a selva. Segundo alguns relatos míticos (Id. ibid.), os *Yoópinai* seriam espíritos da floresta (*Awakaróna*) que perderam sua condição proto-humana por terem transgredido as regras de aprendizado xamânico. Tendo-se mostrado impulsivos e imprudentes no treinamento para o uso dos poderes xamânicos, que acessavam através do consumo de plantas tóxicas e do paricá, os aprendizes enlouqueceram e foram transformados em insetos, peixes, répteis e outros seres da natureza.

Nesta pesquisa encontramos que os insetos também podem ser classificados de acordo com as classes de *Yoópinai*, juntamente com outros animais (co-

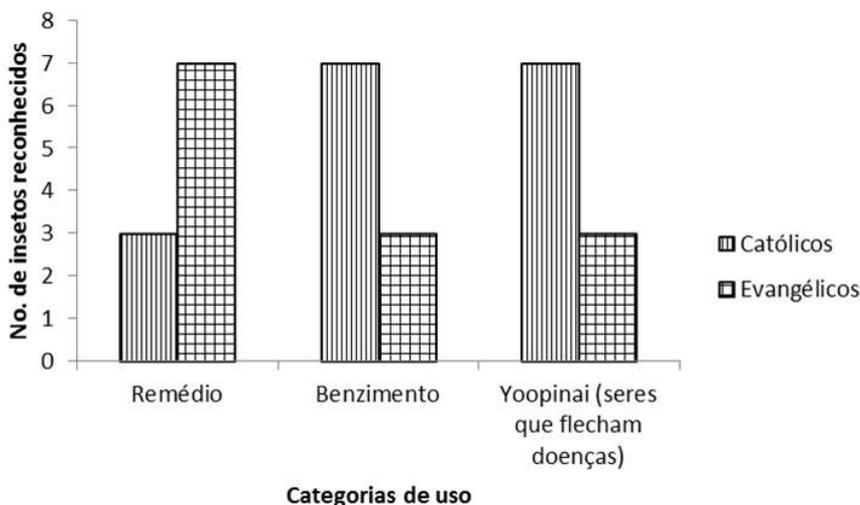


Figura 2 – Reconhecimento de insetos utilizados como remédio, em benzimentos e como causadores de doenças (*Yoópinai*) feito por Baniwas católicos e Coripacos evangélicos (8 católicos e 8 evangélicos) da pesquisa “Etnoentomologia Baniwa (2009-2010) na cidade de São Gabriel da Cachoeira-AM, Brasil.

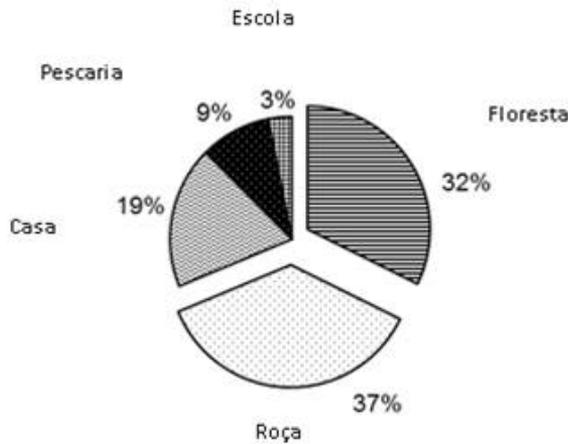


Figura 3 – Enquete sobre o processo de ensino-aprendizagem do CEB (conhecimento entomológico Baniwa) feita com 39 participantes através da pergunta “Onde aprenderam sobre insetos?” por meio da pesquisa “Etnoentomologia Baniwa (2009-2010) na cidade de São Gabriel da Cachoeira-AM, Brasil”.

bras, lagartos, sapos, etc.), a saber:

1. *Awakadalikaperi* (que anda no mato) – *aapi* (cobra), *dzaré* (escorpião), *mánee* (tocandira), *ame* (formiga-de-fogo), *atápa* e *ámali* (formigas), *apibiwidakoro* (Corydalidae: Megaloptera), dentre outros;
2. *Kavalerikaperi* (que anda no vento) – *makálo* (borboleta), *héeri* (mutuca), *ainúdzõ* (mosquito), *máupiri* (pium), dentre outros;
3. *Õonirikoperi* (que anda na água) – *ñeni* (aranha-d’água, Heteroptera), dentre outros.

Como seres-espíritos de grande importância na cultura Baniwa, os insetos *Yoópinai*, referidos nas três categorias acima, podem ser entendidos sob o perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro 2002), onde a morfofisnomia Insecta é apenas um envoltório mutável que esconde uma forma interna

humana com intencionalidade de obter o direito de predação da vida animal e vegetal e, para isso, responde de forma agressiva causando doenças aos humanos. Por exemplo, *hiipami* e *hiipamiawa* (feridas na pele, de difícil cicatrização) cuja descrição é sugestiva de leishmaniose, uma das principais doenças geradas pelos *Yoópinai* (Garnelo & Buchillet 2006). Portanto, o que é doença para os humanos pode ser guerra para os animais, que por meio deste tipo de “predação familiarizante” (Fausto 2002), ou seja, por meio da disseminação de doenças conseguem produzir parentesco e os humanos correm o risco de se tornarem um animal. Assim, temos três tipos de predação familiarizante causada pelos insetos: terrestre, aérea e aquática.

Na Tabela 2 podemos ver a correspondência entre os nomes das 21 principais ordens e os nomes em Baniwa para cada ordem. O sufixo *-nai* significa

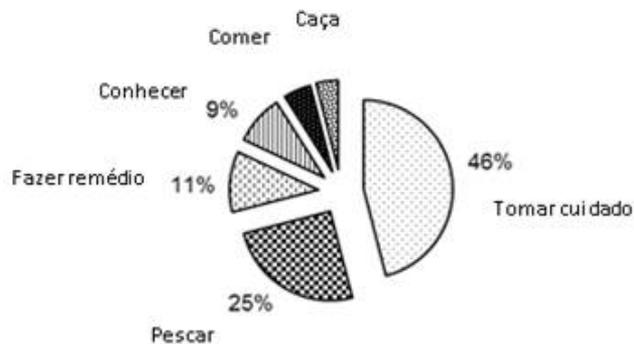


Figura 4 – Enquete sobre o processo de ensino-aprendizagem do CEB (conhecimento entomológico Baniwa) feita com 39 participantes através da pergunta “Por que ensinam sobre insetos?” por meio da pesquisa “Etnoentomologia Baniwa (2009-2010) na cidade de São Gabriel da Cachoeira-AM, Brasil”.

“em geral” na língua Baniwa. Alguns nomes referem-se a famílias e não a ordem como um todo.

Ao todo, temos 280 nomes diferentes de insetos correspondentes às ordens em Baniwa e em latim, sendo que destes 135 nomes são novos para a literatura e coletados na presente pesquisa. O maior número de insetos mencionados durante as entrevistas pertence à ordem Hymenoptera, com um total de 108 nomes diferentes. Ramirez (2001), em seu “Dicionário da língua Baniwa”, indica para cada nome o seu classificador associado. Abaixo, temos a nomenclatura etnoentomológica Baniwa associada a táxons em latim e aos classificadores numéricos da língua Baniwa (Quadro 1).

Assim, para se referir às características de um inseto (tamanho, cor, quantidade, peso e até verbos considerados adjetivos na língua Baniwa, como nascer, brincar e morrer) é necessário conhecer seu for-

mato e correlacioná-lo a uma das quatro formas associadas, ou seja, seus classificadores.

Não foi verificada a utilização de outros classificadores associados para nomes de insetos, como, por exemplo: *-hívi* (pontudo), *-póko* (circular), *-aúpo* (longo e flexível), *-kénua* (galho), que poderiam se referir a outras formas também reconhecidas nos insetos. Os classificadores associados à Nomenclatura Entomológica Baniwa (NEB) referem-se a apenas quatro formas: achatado, alongado, arredondado e filiforme. Portanto, pode-se dizer que os insetos são assimilados linguisticamente pelos Baniwa segundo suas diferenças morfológicas.

Para os Baniwa, os insetos também podem apresentar outros tipos de importância. Alguns são mencionados em benzimentos, crenças e brincadeiras (Quadro 2). Foi solicitado por meio de enquete a 36 participantes, sendo

Tabela 2

Correspondências entre categorias taxonômicas e etnotaxonômicas com indicações da quantidade de nomes registrados para cada categoria por meio da pesquisa “Etnoentomologia Baniwa (2009-2010) na cidade de São Gabriel da Cachoeira-AM, Brasil”

No.	Ordem	Baniwa	Quantidade total de nomes registrados*	Novos nomes registrados*
1	Hymenoptera	<i>Áininaí</i> <sup>1</sup> (Vespidae)	108	35
2	Lepidoptera	<i>Makálonai</i>	36	22
3	Diptera	<i>Dóolonai</i> <sup>1</sup> (Muscidae)	32	11
4	Coleoptera	<i>Déetonai</i> <sup>1</sup> (Curculionidae)	23	12
5	Orthoptera	<i>Dzúronai</i> <sup>1</sup> (Acrididae)	16	11
6	Odonata	<i>Ñepulinai</i>	15	13
7	Auchenorrhyncha	<i>Tsúidanai</i> <sup>1</sup> (Cicadidae)	9	6
8	Isoptera	<i>Kamáranai</i> <sup>1</sup> (Termitidae)	8	3
9	Blattodea	<i>Polétanai</i>	6	4
10	Heteroptera	<i>Kettamáronai</i> <sup>1</sup> (Pentatomidae)	6	4
11	Phthiraptera	<i>Ttowidanai</i>	4	1
12	Siphonaptera	<i>Kawanbéronai</i>	4	2
13	Ephemeroptera	<i>Kettepiálinai</i>	1	1
14	Phasmida	<i>Hémaa yóópinai</i>	2	2
15	Mantodea	<i>Philiphilinaí</i>	2	1
16	Zygentoma	<i>Inhakaita adaloitenai</i>	1	1
17	Dermaptera	<i>Arotamápirinai</i> / <i>Dzákaloapanai</i>	1	1
18	Neuroptera	<i>Ñepulinai</i>	1	0
19	Plecoptera	<i>Dzákaloapanai</i>	1	1
20	Sternorrhyncha	<i>Áalitonai</i> <sup>1</sup> (Coccidae)	1	1
21	Megaloptera	<i>Áapibividakoronai</i> <sup>1</sup> (Corydalidae)	1	1
Total			280	135

\*A quantidade total de nomes envolve os novos nomes registrados pelo presente estudo somado aos nomes encontrados no dicionário de Ramirez (2001).<sup>1</sup> Nomes correspondentes à categoria de família, mais representativos para a correspondência com as ordens.

18 homens e 18 mulheres, para que associassem nomes de insetos que eram utilizados como fonte de alimento, em armadilhas de pesca ou que fossem encontrados em carne de caça.

Porém, estes classificadores associados não são utilizados apenas para nomes de insetos. Outros nomes independentes, como de animais, vegetais e objetos, também podem ser associados aos mesmos

Quadro 1

Nomes de insetos associados aos classificadores do idioma Baniwa-Curripaco através do estudo “Etnoentomologia Baniwa” (2009 - 2010)

Classificadores associados (*)	Taxonomia lineana		Etnotaxonomia Baniwa
	Táxon	Nome popular (português)	Nomenclatura entomológica Baniwa-NEB (*)
-iíta (achatado)	Hymenoptera (Formicidae)	formigas	<i>ámali, maderiápa, áakaali, aalámoni, ame, atápa, dóombero, dzáwaaro, eekonómali, kadaláadali, kadzawita-kaápa, káiviri, kawiye, kétsi, kóombe, maáka, mánee, piitti, potsída, tátaale, toóme, ttiñali-wáire, ttowiápa, wénbi, wéphi, wüdzó.</i>
	Hymenoptera (Apidae)	abelhas	<i>dzáita, dzumi-mápani, énoi, keráde, koe-mápani, máapa, mapánu.</i>
	Diptera	moscas e mosquitos	<i>dzáwaaro, béeri, bema-bérini, máapiiri, ttóottooni.</i>
	Isoptera	cupins	<i>dáane, kamára, keétto, maákei, máaro,</i>
	Orthoptera	gafanhotos	<i>dzáro, manéñai, tsákaru.</i>
	Coleoptera	besouros	<i>aawítí, déeto, móódi, taapaliko, tooke, tsietsiápaaro.</i>
	Lepidoptera	borboletas e mariposas	<i>aatáka (lagarta), dzá-wíkaru, makálo.</i>
	Phthiraptera	piolho	<i>dzáatte-ittoídani, kaláka-ittoídani, malípa, ttowída.</i>
	Siphonaptera	pulgas	<i>iítito.</i>
	Heteroptera	perceijos	<i>kalmáto, kettámaro.</i>
	Blattodea	baratas	<i>aráve, poléta.</i>
	Auchenorrhyncha	cigarrinhas	<i>tsüüríto.</i>
	Phasmida	bicho-pau	<i>philiáphili.</i>
	Odonata	libélulas	<i>ñépoli.</i>
	Hymenoptera (Formicidae)	formigas	<i>ámali, maderiápa, mamawipáxeni, wánali-ikeapítsire, kettoliápa.</i>

-áapa (alongado)	Hymenoptera (Apidae/ Vespidae)	abelhas e vespas	<i>dzáwi-mápani, kottéero, piñéero, adáro, avarána, domalívi, dzápáita, dzáwi-náapa, hálani, iipéeko, iivipíra, kaáme, perikámbeni, tsháali, táapa, típami.</i>
	Diptera	moscas e mosquitos	<i>ainúidzo, dzáwaaro, béeri, bema-bérini, koóri, waapéewi.</i>
	Orthoptera	gafanhotos	<i>dzáiro, manéñai, píto.</i>
	Lepidoptera	borboletas e mariposas	<i>tháara, kadaápali.</i>
	Heteroptera	percevejos	<i>kalimáto, maadzóódzo.</i>
	Mantodea	louva-deus	<i>páale.</i>
	Siphonaptera	pulgas	<i>iittíto.</i>
-da (arredondado/ oval)	Hymenoptera (Formicidae)	formigas	<i>kadaádali (rainha), káimiri (rainha).</i>
	Hymenoptera (Vespidae)	vespas	<i>hipolédawaro.</i>
	Hymenoptera (Apidae)	abelhas	<i>kéttole, koe-mápani, mapolbédawaro, moóne, pathipíra, tsimóda.</i>
	Diptera	moscas e mosquitos	<i>aapidza-mápire, doólo, dóota, útsi-mápire, kérheni, Poopó, porówa, toonóda.</i>
	Lepidoptera	lagartas	<i>dzéeka-úxeni, eedúikoro, póottaro.</i>
	Coleoptera	besouros	<i>háliere, iixádaa, katsowádani, moódi, tákaíro, tsiódere.</i>
	Auchenorrhyncha	cigarrinhas	<i>dzóroo, tsúda, tsiiríto.</i>
	Orthoptera	gafanhotos	<i>dáaphaaro.</i>
	Siphonaptera	pulgas	<i>kawánhero.</i>
Táxon desconhecido		<i>dóito.</i>	
-kbaa (filiforme/ serpentiiforme)	Lepidoptera	lagartas	<i>áakooro, dzéeka-úxeni, hipolékooro, kadaápali, mattípero, meetshákooro, tokotokó-xeni.</i>

(\*) Fonte dos classificadores e dos nomes de insetos: Ramirez (2001).

## Quadro 2

Insetos com alguma importância na cultura Baniwa registrado pela pesquisa “Etnoentomologia Baniwa” (2009-2010) na cidade de São Gabriel da Cachoeira-AM, Brasil

Importância/ Utilidade	Insetos
Caça (iscas ou encontrados em carne de caça)	Moscas ( <i>ixeni, itsiriixeni, dóolo, aapidza-máapiiri, dáapa-dóolonai, áakooro</i> ) e pulga ( <i>kawanháro</i> ).
Benzimentos	Boboleta-azul ( <i>dzawikaro</i> ); formiga ( <i>taratabéro, kawípe</i> ); gafanhotos ( <i>dapháro, púto, tsákara</i> ) e cupim ( <i>kamára</i> ).
Brincadeiras/ crenças	Formigas ( <i>amáli, áakaali</i> ); besouro ( <i>móoda, tákairo</i> ); louva-deus ( <i>thali-thali</i> ou <i>phili-phili</i> ); libélula ( <i>ñepoli, nhãpirikuli</i> ); mutuca ( <i>béeri</i> ); cupim ( <i>keétto</i> ); aranha d'água ( <i>ñevi</i> ); cigarra ( <i>tsúida</i> ) e Megaloptera - Corydalidae ( <i>apibimidakoro</i> ).
Uso mágico-ritual	Megaloptera - Corydalidae ( <i>apibimidakoro</i> ). Um dos participantes Coripaco mencionou o uso da cabeça de Corydalidae como amuleto para caçar animais na floresta.

classificadores. A maior parte da NEB está associada ao classificador *-iíta* (achatado) e apenas as lagartas (Lepidoptera) são classificadas no formato filiforme (*-kbaa*). Os Baniwa ainda reconhecem 17 etnocategorias para classificar os insetos (Tabela 3). E mais de 30 etnocategorias foram associadas ao táxon de família (Tabela 4).

## CONCLUSÕES

Inseto é uma palavra sem correspondente na língua Baniwa, mas quando mencionada entre um grupo de Baniwas ela logo receberá um caráter polissêmico. Como a pesquisa restringiu-se a analisar apenas os Insecta, não conseguimos visualizar a dimensão da complexidade que deve ser o conhecimento zoológico Baniwa. Entretanto, com mais de 15 etnocategorias podemos ter uma ideia de como estes povos compreendem os ani-

mais, em especial os insetos. O tamanho, a cor e o formato são as três formas mais usadas para a identificação de insetos na cultura Baniwa. Todo esse conhecimento começa na fase infantil, quando as crianças acompanham seus pais nos trabalhos da roça. O grupo de insetos mais ensinado são os que apresentam algum grau de periculosidade, tanto no campo real como no imaginário, através de crenças ou gerada a partir de histórias da mitologia Baniwa. Também foi possível identificar mais de 30 nomes correspondentes a nível de família pertencentes a 10 ordens da Classe Insecta.

## AGRADECIMENTOS

Aos participantes desta pesquisa; aos auxiliares de campo: Prof. Felisberto, Lázaro, Marlene, Luciana, Fileto, Graciliano, Moisés, Vanessa, Nazinha, João e Domingos (Buty). Ao Instituto Federal de Edu-

Tabela 3

Classificação de alguns insetos na língua Baniwa-Coripaco por meio da pesquisa “Etnoentomologia Baniwa (2009-2010) na cidade de São Gabriel da Cachoeira-AM, Brasil”

Nº	Classes	Tradução	Taxa
1	<i>Anukadaličeperi</i>	Yópinai (seres maléficos) que andam no mato	Megaloptera, Odonata (adulto), Neuroptera (adulto) e Lepidoptera.
2	<i>Hitsiakapé</i>	rastejam	Lepidoptera (larvas) e Diptera (algumas larvas). Outros não Insecta: cobras.
3	<i>Iarakapé</i>	voam	Mantodea (Mantidae, Vaidae, Acanthopidae e Hymenopodidae), Megaloptera, Odonata, Neuroptera, Orthoptera ( <i>manéñai enápabí</i> ), Isoptera ( <i>diáne, kééto, valitsikéetoni, maáki, kanalière, nērní</i> ), Blattodea ( <i>aríave, atápa</i> ), Heteroptera (Pentatomidae), Auchenorrhyncha (Cicadidae, Cicadellidae, Cixiidae, Fulgoridae), Coleoptera (Elateridae, Lampyridae), Hymenoptera: Formicidae - Myrmicinae ( <i>tiadaliplé, máni, kóombhe haduáda</i> ), Lepidoptera e Diptera. Outros não Insecta: aves, aviões, etc.
4	<i>Inhuákapé</i>	mordem	Megaloptera, Isoptera ( <i>diáne, kééto, valitsikéetoni, maáki, kanalière, nērní</i> ), Hymenoptera: Formicidae ( <i>arutabero, tatilé</i> ), Formicinae ( <i>Camponotus</i> spp.), Myrmicinae ( <i>Atta</i> spp., <i>Acromyrmex</i> sp., <i>Cephalotes atratus</i> ) e Diptera (Simuliidae). Outros não Insecta: cobras.
5	<i>Irakapé</i>	pizam e sugam sangue	Phthiraptera, Siphonaptera, Heteroptera (Reduviidae) e Diptera (Nematocera, Brachycera: Tabanidae).
6	<i>Kinikípara</i>	são pragas de roça	Orthoptera (Acrididae, Tettigoniidae, Romaleidae, Eumastacidae, <i>manéñai, manéñai enápabí</i> ), Hymenoptera: Formicidae - Myrmicinae ( <i>kadadadi, kóombhe, píiti</i> ), Apoidea (Trigonini: <i>Scaptotrigona</i> sp.) e Lepidoptera (Megalopygidae, Sphingidae, Nymphalidae e outros tipos de lagartas).
7	<i>Kipénui</i>	são peixes	Hymenoptera: Formicidae - Myrmicinae ( <i>kadadadi, kóombhe, kaimírí</i> ).
8	<i>Makadamanai</i>	não servem para comer	Coleoptera (Scarabaeidae, Elateridae, Lampyridae) e Hymenoptera: Formicidae ( <i>maáka</i> ).
9	<i>Maokukapé</i>	não ferram	Phasmida, Mantodea (Thespidae), Heteroptera (Nepidae, Gerridae), Mantodea (Mantidae, Vaidae, Acanthopidae e Hymenopodidae), Odonata, Neuroptera, Orthoptera (Tettigoniidae, Romaleidae, Eumastacidae), Auchenorrhyncha (Cicadidae, Cicadellidae, Cixiidae, Fulgoridae), Coleoptera (Elateridae, Lampyridae), Hymenoptera: Formicidae ( <i>kanípe</i> ), Vespoidea ( <i>kaiulibáta, pééto</i> ), Apoidea ( <i>siumáda</i> ) e Lepidoptera,
10	<i>Marakapé</i>	não voam	Heteroptera (Gerridae) e Hymenoptera: Formicidae ( <i>džánuaro</i> ).

11	<i>Óonirikapari</i>	<i>Yoopinai</i> (seres maléficos) que andam na água	Ephemeroptera, Phasmida, Mantodea (Thespidae), Heteroptera (Nepidae), Plecoptera e Odonata (ninfas).
12	<i>Paihanipé</i>	são comestíveis	Isoptera ( <i>dáane, keéto, multiskeétoni, maáke, kamalière, wēni</i> ), Auchenorrhyncha (Membracidae, Flatidae), Coleoptera (Curculionidae), Hymenoptera: Formicidae - Myrmicinae ( <i>kadaádali, káiniri, kóonhe, pátti, nítzq</i> ) e Lepidoptera ( <i>dzákko, kadaápal</i> ).
13	<i>Paiseltaxwphakaphé</i>	servem de isca para pescar	Ephemeroptera (Caenidae), Plecoptera, Orthoptera (Gryllidae, Tettigoniidae - P. specularis, Proscopiidae), Isoptera ( <i>dáane, keéto, multiskeétoni, maáke, kamalière, wēni</i> ), Sternorrhyncha (Coccidae), Hymenoptera: Formicidae - Myrmicinae ( <i>kadaádali, kadaádali itápiriko, kóonhe hadóada</i> ) e Lepidoptera ( <i>dzákko</i> ).
14	<i>Pantipára</i>	são pragas de casa	Zygentoma, Isoptera (Termitidae), Blattodea ( <i>poléa</i> ) e Hymenoptera: Formicidae ( <i>wépit</i> ).
15	<i>Tapé</i>	servem como remédio	Coleoptera (Passalidae), Formigas ( <i>mánee, doonhero</i> ); barata ( <i>aráne, poléa</i> ); gafanhotos ( <i>dapháaro, pátto, dzéiro itáite</i> ); besouros ( <i>móoda, halière, taapalíko</i> ); cigarra ( <i>tsáidá</i> ); cupim ( <i>kamára</i> ) e aranha d'água ( <i>ñeni</i> ).
16	<i>Yókukapé</i>	ferram	Dermaptera, Orthoptera ( <i>manéñai, manéñai enápal</i> ), Hymenoptera: Formicidae ( <i>doonhero, mamavixéni, matooléna, kaporumanéñi, idzemanéñi</i> ), Myrmicinae ( <i>-Alta</i> spp. e outros gêneros), Ponerinae, Ecitoninae, Vespidae, Apoidea ( <i>moóne</i> ) e Lepidoptera (Megalopygidae). Outros não Insecta: aranha, escorpião, aranhas.
17	<i>Yoopinai</i>	seres maléficos que podem trazer doença	Phthiraptera, Siphonaptera, Odonata, Neuroptera, Orthoptera (Tettigoniidae, Romaleidae, Eumastacidae, Tettigoniidae - P. specularis), Blattodea ( <i>aráne, poléa</i> ), Heteroptera (Gerridae, Nepidae, Pentatomidae, Reduviidae), Auchenorrhyncha (Fulgoroidea: Fulgoro), Coleoptera (Elateridae, Lampyridae), Hymenoptera: Vespoidea ( <i>katsóolupi, piúthero</i> ) e Diptera (Nematocera e Brachycera: Muscidae, Calliphoridae, Sciaridae, larvas).

Tabela 4

Categorias intermediárias associadas à categoria lineana de Família organizadas pela pesquisa “Etnoentomologia Baniwa (2009-2010) na cidade de São Gabriel da Cachoeira-AM, Brasil”

Nº	Baniwa	Família	Táxon referente
1	<i>Aapibiwidakoronai</i>	Corydalidae	Megaloptera
2	<i>Dáaphaaronai</i>	Gryllotalpidae	
3	<i>Dz̄iironai</i>	Acrididae	
4	<i>Piitonai</i>	Gryllidae	Orthoptera
5	<i>Tsiálinai e Panaphenai</i>	Tettigoniidae	
6	<i>Iñaimitterolépinaí</i>	Proscopiidae	
7	<i>Kamaranai e Maaronai</i>	Termitidae	Isoptera
8	<i>Ñevinai e Pidoonai</i>	Gerridae	
9	<i>Hemaimukawāninai</i>	Nepidae	
10	<i>Dz̄áakabirominai</i>	Belostomatidae	Heteroptera
11	<i>Kettámaronai</i>	Pentatomidae	
12	<i>Maadz̄óod̄zonai</i>	Reduviidae	
13	<i>Tsiiritonai</i>	Membracidae	Auchenorrhyncha
14	<i>Maaminai</i>	Flatidae	
15	<i>Aalitonai</i>	Coccidae	Sternorrhyncha
16	<i>Deetonai</i>	Curculionidae	
17	<i>Tsietsiepaaronai</i>	Passalidae	
18	<i>Takaironai</i>	Cerambycidae	
19	<i>Tookenai</i>	Lampyridae	Coleoptera
20	<i>Ñeritóokeninai</i>	Elateridae	
21	<i>Néerinai</i>	Elmidae	
22	<i>Aininai</i>	Vespidae	
23	<i>Yawinaapanai</i>	Sphecidae	Hymenoptera
24	<i>Maapanai</i>	Apidae	
25	<i>Dz̄anikaronai</i>	Morphidae	
26	<i>Tbaaranai</i>	Sphingidae	
27	<i>Aatakanai</i>	Nymphalidae (fase larval)	Lepidoptera
28	<i>Mattiperonai</i>	Noctuidae (fase larval)	
29	<i>Poottaronai</i>	Megalopygidae (fase larval)	
30	<i>Iñaimiyavitsiáponai</i>	Geometridae (fase larval)	
31	<i>Maapiirinai</i>	Simuliidae	
32	<i>Harekápilinai</i>	Culicidae	
33	<i>Tióotooninai</i>	Ceratopogonidae	Diptera
34	<i>Doolonai</i>	Muscidae	
35	<i>Heerinai</i>	Tabanidae	

cação do Amazonas – IFAM *Campus* São Gabriel da Cachoeira e à Universidade do Estado do Amazonas – UEA *Campus* São Gabriel da Cachoeira, pela logística proporcionada. Projeto Fronteiras (FINEP/INPA), PRONEX- CNPq & FAPEAM por ter proporcionado a elaboração desta pesquisa. CAPES, pela bolsa concedida. MCT/INPA/PPI, por possibilitarem a realização da pesquisa.

## NOTA

<sup>1</sup> As Campinaranas, também conhecidas como Campinas ou Caatingas Amazônicas, são formações vegetais que ocorrem nas áreas de clima quente e úmido e solos arenosos hidromórficos ou não da Amazônia (Mendonça 2011).

## REFERÊNCIAS

Bentes, S. P. C. 2011. *Etnoentomologia Baniva: estudo dos insetos na concepção dos povos Baniva que vivem na cidade de São Gabriel da Cachoeira – Amazonas, Brasil*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Entomologia, INPA, Manaus-AM, Brasil. ([http://tede.inpa.gov.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=811](http://tede.inpa.gov.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=811))

Berlin, B. 1992. *Ethnobiological classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies*. New Jersey: Princeton University Press. 335 pp.

Camico, H. 1994. Vocabulário Baniva, in *Memória Aramaka: Baniva, Curripaco, Walekena*. Ministério de Educación: Dirección de Asuntos Indígenas.

Capinera, J. L. 1993. Insects in art and religion: the American southwest. *American Entomologist* 39: 221-229.

Cornelio, J. M. 1999. *Waferinaipe Ianbeke: a*

*sabedoria dos nossos antepassados (Histórias dos Hobodene e dos Walipere-Dakenai do rio Aiari)*. Coleção Narradores Indígenas do rio Aiari. Rio Aiari, São Gabriel da Cachoeira-AM: ACIRA/FOIRN.

Costa Neto, E. M. 1998. O significado dos Orthoptera (Arthropoda, Insecta) no estado de Alagoas. *Sitientibus* 18:9-17.

\_\_\_\_\_. 1999. A etnocategoria “inseto” e a hipótese da ambivalência entomoprojetiva. *Acta Biológica Leopoldensia* 21(1): 7-14.

\_\_\_\_\_. 2000. The significance of the category ‘insect’ for folk biological classification systems. *Journal of Ecological Anthropology* 4:70-75.

\_\_\_\_\_. 2002. Manual de Etnoentomología. Zaragoza: Sociedad Entomológica Aragonesa, 1ª. Ed., v. 1000. 104 pp.

\_\_\_\_\_. 2003. *Etnoentomologia no povoado de Pedra Branca, município de Santa Terezinha, Bahia. Um estudo de caso das interações seres humanos/insetos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

Costa Neto, E. M. & J. M. Pacheco. 2004. A construção do domínio etnozoológico “inseto” pelos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia. *Acta Scientiarum Biological Sciences* 26:81-90.

Costa Neto, E. M. & R. M. F. R. Rodrigues. 2006. Os besouros (Insecta: Coleoptera) na concepção dos moradores de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia. *Acta Scientiarum Biological Sciences* 28(1): 71-80.

Costa Neto, E. M. & H. F. Magalhães. 2007. The ethnocategory “insect” in the conception of the inhabitants of Tapera County, São Gonçalo dos Campos, Bahia, Brazil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 79 (2): 239-249.

Costa Neto, E. M.; A. P. A. Lago; C. C. Martins; P. Barreto Júnior. 2005. O “louva-a-deus-de-cobra”, *Phibalosoma* sp. (Insecta, Phasmida), segundo a percepção dos moradores de

- Pedra Branca, Santa Terezinha, Bahia, Brasil. *Sítientibus Série Ciências Biológicas* 5(1): 33-38.
- Cunningham, A. B. 1996. Professional ethics and ethnobiological research. *Advances in Economic Botany* 10: 19-51.
- Ellen, R. 1998. Indigenous knowledge of the rainforest: perception, extraction and Conservation, in *Destruction and development of the tropical rainforest*. Editado por B. Maloney, pp. 87-99. Dordrecht: Kluwer Academic.
- Eloy, L. 2005. *Entre ville et forêt: Le futur de l'agriculture amérindienne en question - Transformations agraires en périphérie de São Gabriel da Cachoeira, nord-ouest Amazonien, Brésil*. Tese de Doutorado. Université de Paris 3, Paris, França.
- Emperaire, L. & L. Eloy. 2008. A cidade, um foco de diversidade agrícola no Rio Negro (Amazonas, Brasil). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas* 3(2): 195-211.
- Fausto, C. 2002. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. *Mana* 8(2): 2-44.
- Garnelo, L. 2007. Cosmologia, ambiente e saúde: mitos e ritos alimentares Baniwa. *História, Ciências, Saúde – Manuscritos* 14(suplemento): 191-212.
- Garnelo, L. & D. Buchillet. 2006. Taxonomias das doenças entre os índios Baniwa (Arawak) e Desana (Tukano Oriental) do Alto Rio Negro (Brasil). *Horizontes Antropológicos* 12 (26): 231-260.
- Harris, M. 1976. History and significance of the emic/etic distinction. *Annual Review of Anthropology* 5: 329-350.
- Hogue, C. L. 1980. Commentaries in cultural entomology. 1. Definition of cultural entomology. *Entomological News* 91(2): 33-36.
- \_\_\_\_\_. 1987. Cultural entomology. *Annual Review of Entomology* 32: 181-199.
- Lévi-Strauss, C. 1989. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus.
- Melic, A. 2003. De los jeroglíficos a los tebeos: los artrópodos en la cultura. *Boletín de la Sociedad Entomológica Aragonesa* 32: 325-357.
- Mendonça, B. A. F. 2011. *Campinaranas Amazônicas: Pedogênese e Relações solo-vegetação*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, Brasil.
- Posey, D. A. 1984. Hierarchy and utility in a folk taxonomic system: patterns in classification of arthropods by the Kaypó Indians of Brazil. *Journal of Ethnobiology* 4(2): 123-139.
- \_\_\_\_\_. 1987. Temas e inquiuições em etnoentomologia: algumas sugestões quanto à geração de hipóteses. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia* 3(2): 99-134.
- \_\_\_\_\_. 1996. Protecting indigenous peoples' rights to biodiversity. *Environment* 38(8): 6-17.
- Queiroz, C. 1996. Local knowledge systems contribute to sustainable development. *Indigenous Knowledge and Development Monitor* 4(1): 1-4.
- Ramirez, H. 2001. *Dicionário da língua Baniwa*. Manaus: EDUA. 382 pp.
- Ricardo, B. 2001. *Arte Baniwa: cestaria de arumã*. 3ª. Ed. São Gabriel da Cachoeira: FOIRN/ISA/OIBI.
- Santos-Fita, D.; E. M. Costa Neto & A. Schiavetti. 2011. Constitution of ethnozoological semantic domains: meaning and inclusiveness of the lexeme “insect” for the inhabitants of the county of Pedra Branca, Bahia State, Brazil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências* 83(2): 589-598.
- Silva, L. L. & Y. S. Costa. 2007. *Projeto: Danças Baniwa do Rio Aiari: Narração e Demonstração de Mario Joaquim da Silva*. Comunidade Itacoatiara-Mirim: Povo indígena Baniwa Hohodene/ Rio Aiari, São Gabriel da Cachoeira – Amazonas, Brasil.

Silva, T. F. P.; E. M. Costa Neto. 2004. Percepção de insetos por moradores da comunidade Olhos d'Água, Município de Cabaceiras do Paraguaçu, Bahia, Brasil. *Boletín de la Sociedade Entomológica Aragonesa* 35: 261-268.

Southwood, T. R. E. 1977. Entomology and mankind. *American Scientist* 65: 30-39.

Sturtevant, W. C. 1964. Studies in ethnosci-ence. *American Anthropologist* 66(3): 99-131.

Viveiros de Castro, E. 1996. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana* 2(2): 115-144.

\_\_\_\_\_. 2002. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena, in *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify.

Wright, R. M. 1996. Os Guardiões do Cosmos: Pajés e Profetas entre os Baniwa, in *Xamanismo no Brasil: Novas Perspectivas*. Editado por E. J. Langdon, pp. 75-115. Florianópolis: Ed. UFSC. <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/coripaco/1565>, 10 de julho de 2013.

Wyman, L. C. & F. L. Bailey. 1964. *Navajo Indian Ethnoentomology*. University of New Mexico, Albuquerque. 158 pp.

Recebido em 25/03/2013.

Aprovado em 18/07/2013.